

O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao *El País* Brasil

THE EXPEDIENT OF THE ARGUMENTATION IN THE JOURNALISM OF ELIANE BRUM: ANALYSIS OF HER COLUMNS TO *EL PAÍS* BRASIL

 *Jesús Miguel Flores Vivar*

Professor do Departamento de Periodismo II, da Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Complutense de Madrid.

E-mail: jmflores@ccinf.ucm.es

Tayane Aidar Abib

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

E-mail: tayaneaabib@gmail.com

Recebido em 5 de fevereiro de 2018. Aprovado em 12 de março de 2018.

Resumo

Este artigo se dedica a analisar a dinâmica narrativa de Eliane Brum como colunista, no ambiente digital, com o objetivo de evidenciar os valores característicos aos seus escritos, tecidos sob o expediente da argumentação, no portal *El País* Brasil. Para tanto, desenvolve um estudo qualitativo de seus textos mais acessados pelos leitores no ano de 2016, com base em um levantamento de dados realizado com a direção do diário, de modo a identificar conciliações entre a prática jornalística de Brum e a epistemologia complexo-compreensiva, proposta por Künsch.

Palavras-chave: Jornalismo de desacontecimentos. Epistemologia complexo-compreensiva. Eliane Brum. *El País*.

Abstract

This article is devoted to analyzing the narrative dynamics of Eliane Brum as a columnist in the digital environment, aiming to highlight the characteristic values of her writings, woven under the argumentation process, in the *El País* Brazil portal. To do so, it develops a qualitative study of her texts most accessed by readers in 2016, based on a data collection carried out with the journal's management, to identify conciliations between Brum's journalistic practice and the complex-comprehensive epistemology proposed by Künsch.

Keywords: Journalism of Unhappenings. Complex-Comprehensive epistemology. Eliane Brum. *El País*.

Introdução

Este estudo se debruça sobre o atual percurso profissional de Eliane Brum, como colunista, na internet, com foco em sua dinâmica narrativa no portal *El País* Brasil. Desde o início de sua carreira, em 1989, Brum experimenta diferentes contextos produtivos no cenário da notícia. Como repórter, atuou onze anos no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e dez anos na revista *Época*, em São Paulo. Desde 2010, trabalha como jornalista freelance, dedicando-se à escrita de colunas, inicialmente para a edição on-line da revista *Época* e há quase cinco anos para o *El País* Brasil.

Para este artigo, interessa investigar as características de seus registros sob o expediente argumentativo, de modo a evidenciar os dispositivos expressos em suas colunas e indicar os possíveis diálogos entre essas configurações e sua atuação como repórter do meio impresso. A essa prática jornalística que envolve os modos singulares de fazer de Eliane Brum, referimo-nos como Jornalismo de Desacontecimentos: um universo conceitual de valores e movimentos característicos às suas produções, que busca traduzir sua escolha em centrar-se na apropriação de fatos não-marcados, isto é, “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p. 76).

Aludiremos a essa concepção com maior profundidade no desenvolvimento deste artigo; por agora, cabe ressaltar que a proposta é compreender como a acepção do desacontecimento se revela no gênero opinativo, indicando os elementos que permanecem e aqueles que se transformam, ou evoluem. Para tanto, empreende-se um primeiro trajeto teórico, com o objetivo de conciliar a prática jornalística de Brum e a epistemologia complexo-compreensiva (KÜNSCH, 2005), seguido de uma análise interpretativa das colunas mais acessadas por leitores da edição Brasil no ano de 2016.

Neste sentido, este artigo resulta também de uma investigação de campo¹ feita na sede do jornal *El País*, em Madrid, nos meses de janeiro e fevereiro de 2017, baseada no levantamento de dados quantitativos junto com os diretores do diário e em entrevistas com seus profissionais a respeito do trabalho jornalístico de Brum e da própria inserção do meio espanhol na América Latina e, especificamente, no Brasil.

Os fundamentos da prática jornalística dos desacontecimentos

Conforme ressaltado anteriormente, a carreira de Eliane Brum revela dinâmicas produtivas diversas. Apesar de acumular quase oito anos de experiência como

¹ Pesquisa desenvolvida com Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP), sob processo 2016/13666-5.

colunista no ambiente digital, seu histórico profissional é majoritariamente marcado por uma rotina jornalística de mídia impressa e por seu trabalho de repórter. Foi, inclusive, nesse primeiro período, que ela teve a oportunidade de escrever sobre pessoas anônimas, com histórias de vida extraídas das ruas do Rio Grande do Sul – um trabalho que resultou no livro-coletânea *A vida que ninguém vê*, e que passou a nortear os seus próximos passos.

Nesse sentido, já desde esses momentos iniciais, é possível evidenciar aspectos de divergência entre a prática jornalística de Brum e o *modus operandi* dos meios tradicionais, isto é, destacar elementos que permitem particularizar o seu fazer e distingui-lo da cultura noticiosa partilhada pela comunidade profissional, referenciada por Traquina (2008) como tribo jornalística. Tendo em consideração que esta tribo se caracteriza pelas maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar de seus membros – os saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, respectivamente –, é possível identificar contrastes entre métodos acionados por Brum e pela mídia hegemônica.

De uma análise das reportagens de Brum em contraponto com as características desta cultura noticiosa (VENTURA; ABIB, 2015), depreende-se a configuração de uma dinâmica jornalística com etapas produtivas próprias, que aqui se denomina Jornalismo de Desacontecimentos. Esta concepção engloba um universo de práticas de resistência às convenções difundidas tradicionalmente, e enfatiza uma espécie de ruptura ou provocação aos critérios de noticiabilidade, a partir da escolha jornalística de Brum de contar os que estão à margem da narrativa.

Seu interesse pelo homem ordinário e pela rotina do comum, entrelaçado a técnicas de apuração que mobilizam os cinco sentidos e a entrevistas que refletem o diálogo dos afetos (MEDINA, 2006), dá mostras de um fazer jornalístico desvencilhado do “código de produção dos acontecimentos” (SODRÉ, 2009, p. 98) e, portanto, pautado pelo desacontecimento, isto é, pela cobertura de fatos e protagonistas não abordados nos circuitos tradicionais.

O escopo teórico do desacontecimento, neste sentido, sobretudo pelas atuações de Brum como repórter, alude às reflexões de Medina e à filosofia do diálogo, de Martin Buber, assim como às ponderações de Restrepo (1998) acerca do direito à ternura e do analfabetismo afetivo do ocidente. Trata-se, por assim dizer, de uma proposição, a partir das práticas exemplificadas por Brum, de associação dos universos de sensibilidade, diálogo e afetos no jornalismo (VENTURA; ABIB, 2016), com o intuito de alargar as vias para a compreensão do outro e estreitar uma aproximação intersubjetiva a realidades distintas.

No compasso da pergunta que sempre a acompanhou como repórter, “descobrir o que dá sentido à existência de cada um e compreender como cada pessoa – em geral com muito pouco – reinventa a sua história” (BRUM, 2013, p. 197), Brum realiza um

movimento de despojamento de si para a apreensão dos significados de suas fontes, o movimento da reportagem, definidor de suas narrativas:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua. (BRUM, 2008, p. 14)

Essa ideia de abertura encontra concordância teórica com o pensamento de Buber (1982) a respeito da palavra-princípio Eu-Tu ou do movimento básico dialógico, que, segundo o autor, consiste no “voltar-se-para-o-outro”, “sair-de-si-em-direção-ao-outro”, “permanecer-junto-ao-outro”, acolhendo-o em sua existência específica. A essa relação dialógica, que permite “tatear para fora dos contornos de si mesmo” (Ibid., p. 55), o filósofo também se refere como encontro genuíno: “significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda sua concretude” (Ibid., p. 146-7).

Nesta linha, a prática de Brum alicerça-se, ainda, no signo relacional abordado por Medina – a interação social criadora, que desfruta da afetividade e que, nas palavras da autora, “assume o compromisso ético, técnico e estético em relação à realidade [...] aceitando a experiência transformadora do contato com o mundo” (MEDINA, 2014, p. 53). Supera, por fim, a herança positivista, cujas marcas epistemológicas ainda se fazem notar no jornalismo: “a relação objetiva com o real; a ênfase no tom informativo; a busca obsessiva pela precisão dos dados; a fuga das abstrações” (Id., 2008, p. 24).

Evidencia-se, portanto, no fazer jornalístico de Brum, um interesse permanente de integração no universo do outro, de partilha da intersubjetividade como uma condição de seu ofício e como compromisso com seu leitor. Sua carreira profissional, neste sentido, marca-se por uma atitude de acolhimento de realidades, vozes e significados. Trata-se de narrativas que se dedicam a entrelaçar sentidos, seja de protagonistas anônimos ou de contextos sociais.

Como colunista, seu novo percurso parece também caminhar por esta via, preservando a essência do movimento da reportagem ou dos desacontecimentos, como indica a própria Eliane Brum (2013, p. 14): “e assim começou minha coluna, desde o início marcado pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião”.

Minha coluna é imprevisível primeiro para mim. O leitor, porém, não sabe o que vai encontrar, mas sabe. Meu pacto com quem me lê parte de algumas regras pessoais, e estas eu não transgriro: 1) tenho de estar tomada pelo assunto, porque essa é a primeira verdade que ofereço; 2)

preciso acreditar ter algo a dizer que ainda não foi dito por outros articulistas, ou pelo menos não da forma como eu gostaria de dizer, evitando tomar o tempo das pessoas com um texto que elas poderiam ler em outro lugar; 3) tenho de ter estudado muito antes de escrever, porque o olhar e a ideia são apenas pontos de partida para a investigação que vai permitir a construção de um texto consistente. (Ibid., p. 15)

A esse traço definidor de suas produções, acrescenta-se, ainda, uma nova característica, manifesta com o ambiente digital: a complexidade na narrativa. Este novo aspecto se associa ao recurso espacial da internet e ao próprio horizonte de experimentação proporcionado pelo formato coluna. A ausência de limites de extensão e as possibilidades de integração da rede, somadas à própria concepção jornalística de Brum, possibilitaram aos seus textos explorarem uma escrita mais aprofundada e articulada, em sintonia com a origem latina de *complexere*: abraçar.

Tal qual pontua Morin (2002, p. 6), “o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional”, busca reconectar os domínios separados do conhecimento fragmentado ou disjuntivo. Resiste, portanto, à parcialização do pensamento simplificador, ao predomínio de uma visão mutiladora e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropológica, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)” (Id, 2007, p. 13).

No universo do jornalismo, a reflexão em torno de uma epistemologia da complexidade alude às investigações de Dimas Künsch (2000; 2005) e ao seu trabalho de harmonizar diferentes conceitos e pensadores em uma mesma chave teórica. Conta, neste sentido, com as contribuições de autores já mencionados neste artigo e de outros, de diferentes áreas do saber. Incorpora, no campo jornalístico, as ponderações de Morin (2003) sobre a necessidade de uma reforma do pensar. E propõe também associar o signo da compreensão a esta episteme, como um caminho para a promoção de teorias e narrativas abertas.

Quando se alia à compreensão, portanto, a complexidade passa a se manifestar como uma possibilidade de tecer enredos com menos conclusões ou explicações e com mais dúvidas e buscas, no sentido invocado pela incompletude e pela necessidade de diálogo. Narrativas, nas palavras de Künsch, com “menos portanto” e “mais talvez”.

Um pensamento de tipo compreensivo ou plural abre janelas e portas para se visualizar esse terreno muito vasto, fértil e, às vezes, em maior ou menor grau pantanoso, de aproximações possíveis ao real, aos acontecimentos e, inclusive, porque é basicamente disso que estamos tratando, ao campo da comunicação. (KÜNSCH, 2009, p. 46)

Sob o expediente da argumentação, e valendo-se da potencialidade espacial advinda da internet, as produções de Brum revelam de modo mais nítido interfaces com a proposta de Künsch à prática jornalística. Por isso, aos traços característicos da matriz conceitual dos desacontencimentos, que remontam ao período inicial da carreira de Brum no meio impresso, propõe-se entrelaçar um universo epistemológico mais amplo, pautado na associação da complexidade e da compreensão, para a fundamentação de novas reflexões acerca da nova etapa produtiva de Brum como colunista de opinião.

Acredita-se, assim, que a essência dos desacontencimentos se preserva no novo trajeto profissional de Brum, tanto sob o movimento da reportagem característico de seu fazer, quanto sob seu interesse pela abordagem de “fatos não-marcados” (SODRÉ, 2009); no entanto, há que se evidenciar que um gênero jornalístico distinto e um novo ambiente narrativo impulsionam novas demandas teóricas. Neste sentido é que se lança mão dos dispositivos conceituais da epistemologia complexo-compreensiva para analisar as produções de Brum, que agora se manifestam também sob as vias da argumentação.

Isso porque se defende que, muito mais do que dialogar com o campo da comunicação, a perspectiva da complexidade pode enriquecer a práxis jornalística “ao ajudar a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea”, “valorizar as probabilidades de conexões”, “perceber a realidade com suas diversas formas e múltiplos sentidos” (KÜNSCH, 2010, p. 204). Adiante, portanto, propõe-se investigar o trabalho de Brum como colunista do *El País* Brasil, com base nessas novas matrizes teóricas do universo dos desacontencimentos.

A dinâmica narrativa de Eliane Brum como colunista do *El País* Brasil

Desde o início das operações do *El País* no Brasil, em novembro de 2013, com a criação de uma redação em São Paulo e o lançamento de um portal brasileiro, as colunas de Eliane Brum são publicadas quinzenalmente no jornal, e traduzidas às outras edições digitais, de América e de Espanha. Esse novo percurso profissional, conforme pontuado anteriormente, agrega dois novos elementos ao escopo da prática jornalística de Brum, ou dos desacontencimentos: o gênero opinativo, ao qual nos referimos como expediente argumentativo, e o próprio ambiente da internet.

A possibilidade de aprofundamento narrativo e de ampliação de vozes, impulsionada pela web, associada à própria demanda por interpretação dos fatos contemporâneos atuais, acaba por tornar as colunas de Brum um espaço de experimentação constante:

É frequente eu ser abordada por leitores perplexos: “Nunca sei o que vou encontrar na sua coluna de segunda!”. É exatamente isso. Eu escrevo sobre a vida misturada, para além dos escaninhos das editorias, e com mais de um estilo, porque cada história pede um ritmo diverso e palavras próprias. E acho que nunca me misturei tanto quanto ao escrever essa coluna, na qual pude incluir minha paixão por literatura e por cinema e também meu gosto por política. Se as divisões arbitrárias de cultura, comportamento, economia, política etc. – ou variações similares – servem para organizar a publicação, qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada, porque a vida não se deixa compartimentar. (BRUM, 2013, p. 15)

De acordo com Espinosa (2010, p. 106), a liberdade de estilo narrativo é uma das características mais relevantes da coluna. Sob a via da argumentação, a autora destaca, o jornalista tem, em teoria, autonomia para escrever sobre o que considera oportuno e ainda escolher o melhor formato para fazê-lo. Neste sentido, ela coloca que a coluna é “una arte y una técnica que se adapta a la personalidad del articulista”, de modo que os colunistas podem “introducir en mayor grado sus sentimientos y expresiones personales que en formas más rígidos”, e sua própria opinião pode ser divergente do ponto de vista da linha editorial da empresa de comunicação.

A partir desta liberdade, Espinosa indica que o estilo de uma coluna pode ser flexível, manifestando-se ora por descrição, interpretação, argumentação ou, ainda, por uma combinação desses formatos.

Las columnas ayudan a introducir en los lectores un cambio respecto al estilo más encorsetado que pueda existir en la redacción de los géneros periodísticos, ya que proporcionan colorido, diversidad y opinión al diario. Por tanto, la estructura de la columna no puede ajustarse a un modelo preestablecido, porque es el género periodístico más personal y libre de todos; cada columnista adapta su redacción a como más conviene a la información con que cuenta y al objetivo de sus opiniones. (Ibid., p. 107)

Por esta linha de pensamento, pode-se compreender a definição de Brum (2013, p. 15) sobre si mesma como colunista: uma “desidentidade”. A cada texto, Brum empreende um caminho de saída de si, uma rota que parte de seu olhar sobre determinado universo, ou mesmo sobre sua realidade interna, para adentrar horizontes diferentes dos seus e articular contextos. A cada texto, por isso, também faz parte a descoberta da arquitetura narrativa mais adequada, ou da melhor forma de contar.

Esse traço singular de sua escrita é o aspecto que mais chama a atenção de Antonio Jiménez Barca, diretor do *El País* no Brasil: “*ela tem um jeito de fazer artigo*

*muito original. Porque não é uma coluna de opinião, não é uma reportagem, não é uma crônica, mas é tudo junto. O jeito de escrever dela é muito pessoal. Ela chegou a ter um estilo próprio*². Na percepção de Barca, os assuntos pautados por Brum e a maneira como ela estrutura sua narrativa e transparece suas visões de mundo são os pontos que mais atraem os leitores.

Óscar Curros, tradutor das colunas de Eliane Brum ao *El País*, do português ao espanhol, que acompanha o trabalho da jornalista há mais de três anos, pontua que pensar em coluna, no caso de Brum, é quase como pensar em romance.

*As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarrelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora.*³

A essas colunas, que ora intercalam vivências universais e individuais, ora articulam questões históricas, políticas e culturais, Barca se refere, de maneira enfática: “o gênero é Eliane Brum. Ela escreve uma coluna que é Eliane Brum”⁴. De modo a aprofundar a investigação em torno dessas configurações narrativas e desta prática jornalística singular, que temos denominado Jornalismo de Desacontecimentos, dedicamos um estudo interpretativo das duas colunas de Brum mais acessadas por leitores do *El País* Brasil.

Os dados apresentados no quadro a seguir, assim como as entrevistas explicitadas anteriormente, foram coletados durante investigação de campo realizada na sede do diário em Madrid, na Espanha, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2017. Ressalta-se, no entanto, que esses dados referentes à edição brasileira foram divulgados desde o México, pelo diretor do *El País* América, Luis Prados de la Escosura⁵, uma vez que este material é gerenciado como parte das publicações da edição latina.

No quadro, constam as dez colunas mais vistas pelos usuários do jornal no ano de 2016. Seguindo as diretrizes do *El País*, e de forma a resguardar o sigilo solicitado pela direção da edição de América, a quantidade exata de navegadores únicos de cada texto não será divulgada. Entretanto, é possível destacar que o texto mais visto de Brum

2 Entrevista realizada no dia 24 de janeiro de 2017.

3 Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2017.

4 Entrevista realizada no dia 24 de janeiro de 2017.

5 Dados divulgados em entrevista realizada no dia 3 de fevereiro de 2017.

contabilizou mais de 200 mil navegadores únicos, e que a somatória dessas dez colunas ultrapassa a marca de um milhão de acessos únicos.

Quadro 1. As 10 colunas de Eliane Brum mais acessadas em 2016

Colunas de Eliane Brum – <i>El País</i> Brasil 2016
Manifestações de 13 de março: Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus
1500, o ano que não terminou
Exaustos-e-correndo-e-dopados
Denúncia de Facebook
Todo inocente é um fdp?
Acima dos muros
13 de maio, abolição da escravatura: Temer e a casa grande se iludem
O golpe e os golpeados
Ana Júlia e a palavra encarnada
Dilma compôs seu réquiem em Belo Monte

Fonte: Elaboração dos autores, com base em informações da direção *El País* América.

O destaque de *pageviews*, *Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus*, parte das manifestações de março de 2016 para discorrer sobre o momento histórico vivido pelo Brasil. Aprofunda a reflexão para além da realidade de descrença nos políticos e nos partidos tradicionais – “já um lugar comum” –, interessando-se em analisar o fato de que “a esta descrença se contrapõe não mais razão, mas uma vontade feroz de crença” (BRUM, 2016b). Identifica, neste sentido, a angústia atual do Brasil em uma vontade da população “em acreditar que algo é verdadeiro num cotidiano marcado por falsificações”. E assinala o perigo de um acreditar quando os roteiros políticos são escritos por marqueteiros.

Diante de um cenário marcado pela polarização dos discursos e por uma representação maniqueísta do real, a abordagem jornalística de Brum enfoca uma mirada complexa, na chave da proposta epistemológica de Künsch (2010, p. 17), de “pensar no quadro envolvente de multicausalidades, múltiplos ângulos e perspectivas”, resistindo à mentalidade “tradicionalmente viciada a alcançar rapidamente respostas pela via fácil da explicação, da simplificação e da redução de sentidos”.

Quando os dias, as vozes e as imagens soam falsas, e a isso ainda se soma um cotidiano corroído, há que se agarrar em algo. Quando se elege um culpado, um que simboliza todo o mal, também se elege um salvador, um que simboliza todo o bem. A adesão pela fé, manifeste-se ela pelo ódio ou pelo amor, elimina complexidade e nuances, reduz tudo a uma luta do bem contra

o mal. E isso, que me parece ser o que o Brasil vive hoje, pode ser perigoso. Não só para uma ditadura, como é o medo de alguns, mas para que se instale uma democracia de fachada, como já vivemos em alguns aspectos. (BRUM, 2016b)

As consequências de tal visão parcelar, continua Brum, expressam-se no “ódio que justifica a destruição daquele que naquele momento encarna o mal”, na vontade de destruição que atravessa a sociedade e que “assinala mesmo pequenos atos do cotidiano”. Brum enxerga, assim, para além dos fatos, os seus desdobramentos e os seus contextos. Aponta, para além das imagens das manifestações que parecem retratar uma massa verde-amarela lutando pelo fim da corrupção no Brasil, os múltiplos significados manifestos pelos detalhes, daqueles que estiveram e daqueles que não estiveram nas ruas:

Quem quer o fim da corrupção no Brasil não levanta bonecos de Lula (PT) e de Dilma (PT) e esquece todos os outros que não pertencem ao partido que quer arrancar do Governo. Quem quer o fim da corrupção no Brasil jamais teria negociado com Eduardo Cunha (PMDB), como lideranças que organizaram as manifestações negociaram há pouco tempo atrás. Nem usa camiseta da CBF, mais corrupta impossível. Nem tira *selfies* com uma polícia que sistematicamente viola a lei. (Ibid.)

Neste sentido, a coluna expande o debate para outros campos implicados na dinâmica política nacional, de maneira a conectar, tal qual ensina o pensamento complexo, pontos compartimentados pela simplificação. Alude, então, às ações governamentais do passado e do presente e aos deveres e excessos de diferentes órgãos federais, recordando a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu, e a realização da Copa do Mundo de futebol em 2014.

A prática jornalística de Brum, deste modo, “se arrisca a pensar” e “aumentar as nuances”: “apesar de muito mais difícil, é bem melhor que as coisas sejam vistas como de fato são – complexas” (Ibid.). Sua escrita dedica-se a evidenciar os diálogos e as esquinas nem sempre visíveis, de fatos e personagens, na busca permanente pela mirada dos desacontecimentos.

Retomando Morin (2007, p. 8): “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo”, destaca-se um dos trechos finais da coluna de Brum – que parece bem se articular com os apontamentos dos teóricos expostos aqui:

Talvez o mais importante, neste momento tão delicado, seja resistir. Resistir a aderir pela fé ao que pertence ao mundo da política. Fincar-se na razão, no pensamento, no conhecimento que

se revela pelo exercício persistente da dúvida. É mais difícil, é mais lento, é menos certo e sem garantias. Mas é o que pode permitir a construção de um projeto para o Brasil que não seja o da destruição. Quem sofre primeiro e sofre mais com a dissolução em curso são os mais pobres e os mais frágeis. É preciso resistir também como um imperativo ético. (BRUM, 2016b)

Sob o expediente da argumentação, portanto, o movimento de reportagem característico de Brum, isto é, o exercício de atravessar a rua de si em direção ao outro, revela-se pelo interesse de problematizar as questões contemporâneas, em um exercício para alargar os horizontes reflexivos e adentrar as camadas superficiais:

Uso parte do processo de reportagem para escrevê-la: parto de um espanto e inicio uma investigação movida pelas dúvidas. Minha busca é por iluminar os cantos escuros dos acontecimentos e, principalmente, acrescentar novos questionamentos ao cotidiano dos leitores. Penso que qualificar as questões sobre nosso tempo histórico é mais importante do que concordar ou discordar de uma ideia. Tudo isso é o que me move a escrever a coluna. (BRUM apud CALDAS, 2013)

Na coluna *1500, o ano que não terminou*, os elementos apontados por Brum neste percurso produtivo fazem-se notar. O texto aborda a morte de Vitor Pinto, bebê indígena de dois anos, em Imbituba, no litoral de Santa Catarina, nas vésperas do Natal de 2015. A reflexão, pautada pelo olhar insubordinado dos desacontecimentos, desdobra-se de uma pergunta central lançada logo no início: “quem chorou por Vitor, o bebê indígena assassinado com uma lâmina enfiada no pescoço?” (BRUM, 2016a).

O percurso indagativo questiona a postura dos meios de comunicação e da sociedade, e inclui a jornalista no debate: “sua morte sequer virou destaque na imprensa. Se fosse meu filho, ou de qualquer mulher branca de classe média, assassinado nessas circunstâncias, haveria manchetes, haveria especialistas analisando a violência, haveria choro e haveria solidariedade”. Vale-se do recurso discursivo da repetição para marcar a ênfase do porém que obstruiu a comoção nacional, assim não apenas narrando o que está à margem, mas qualificando o seu contexto: “mas Vitor era um índio. Um bebê, mas indígena. Pequeno, mas indígena. Vítima, mas indígena. Assassinado, mas indígena. Perfurado, mas indígena. Esse ‘mas’ é o assassino oculto”.

A observação de Brum, atenta aos detalhes, também dá o tom dessa coluna. A partir das fotografias das poucas notícias sobre a morte de Vitor, discorre sobre os significados manifestos pelos elementos da imagem:

A fotografia mostra o chão de cascalho e concreto da estação rodoviária. Um par de sandálias havaianas azul, com motivos infantis. Uma garrafa pet, uma estrelinha de brinquedo, daquelas

de fazer molde na areia, uma tampa de plástico do que parece ser um baldinho de criança, uma pequena embalagem em formato de tubo, um pano florido amontoado junto à parede, talvez um lençol. Essa foto é um documento histórico. Tanto pelo que nela está quanto pelo que nela não está. Nela permanece o descartável, os objetos de plástico e de pet, os chinelos restados. Nela não está aquele que foi apagado da vida. A ausência é o elemento principal do retrato. (Ibid.)

Para além da postura questionadora e reflexiva de Brum, o valor que cabe ressaltar como fio condutor da narrativa é o seu gesto compreensivo à realidade dos povos indígenas. Postura essa que, segundo Morin (2002, p. 95), inclui um processo de empatia, identificação e projeção: “sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”. Na chave do movimento de lançar-se à alteridade, Brum busca, tal qual propõe Buber (1982), tornar o outro presença, aproximando-se de sua realidade.

Parece não bastar que Vitor, um bebê de dois anos, passasse semanas no chão de uma rodoviária porque a violência contra seu povo foi tanta e por tantos séculos e ainda hoje continua que seus pais, Sônia e Arcelino, precisam deixar a aldeia para vender artesanato. É importante perceber o nível de desamparo que leva alguém a considerar rodoviária um lugar seguro e acolhedor. Terminais rodoviários são locais de passagem, e a família de Vitor, assim como a de outros indígenas, abriga-se lá porque há movimento. Rodoviária é lugar de ninguém. E por isso nela costumam caber os mendigos, os meninos de rua, os bêbados, as putas, os loucos, os párias. E os índios. Ou cabiam. E já não cabem mais. (BRUM, 2016a)

O texto percorre também as visões que predominam nos projetos políticos e os discursos sociais que deslegitimam a vida cultural indígena – “no passado, os índios são alegoria. ‘Olha, meu filho, como eram valentes’. No presente, são ‘entraves ao desenvolvimento’. Os índios precisam ser falsos porque suas terras são verdadeiras – e ricas” –, abordando, ainda, o progressivo desmonte da Fundação Nacional do Índio (Funai), os interesses do agronegócio e as grandes obras energéticas que ameaçam essa população e o seu meio, como a usina hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará, temática essa recorrente em suas produções.

Evidencia-se, assim, como um dos múltiplos assuntos implicados na pauta, a reflexão maior em torno do fenômeno da relação e da dificuldade em aceitar o lugar do outro – o que resulta, por vezes, na eliminação, simbólica e física, do diferente. Além do intento, sempre permanente de Brum, de complexificar os fatos, cita-se o seu exercício narrativo de integrar, todos, na discussão das questões que marcam o cenário atual:

Quem de fato assassinou Vitor talvez seja investigado, julgado, condenado e punido, o que já é uma raridade em mortes de indígenas no Brasil, marcadas pela impunidade. Mas é preciso fazer

perguntas mais complicadas. Quem armou essa mão? Que encruzilhada histórica permitiu que Vitor fosse o bebê escolhido pelo assassino, independentemente de sua sanidade ou insanidade – e não o meu filho ou o seu? Onde estamos nós nesta foto em que estamos sem estar? (Ibid.)

Na dinâmica jornalística de Brum, portanto, sob gêneros informativos ou opinativos, preserva-se o escopo essencial dos desacontecimentos, isto é, o seu interesse sempre em relevo de tratar fatos não-marcados pela mídia convencional, seja pela abordagem de protagonistas anônimos ou pela abordagem de perspectivas nem sempre destacadas pelas coberturas tradicionais.

Ainda sobre a coluna em questão, assinala-se, por fim, a alusão de Brum àqueles pouco retratados e contados: uma espécie de síntese, sob uma arquitetura argumentativa, do trabalho jornalístico e de reportagem de Brum pelas ruas e florestas do Brasil, ou, ainda, as realidades que ela sempre buscou iluminar em sua trajetória profissional:

Quem continua morrendo de assassinato no Brasil, em sua maioria, são os negros, os pobres e os índios. O genocídio segue diante da indiferença, quando não aplauso, do que se chama de sociedade brasileira. Começamos 2016 como acabamos 2015. Obscenos. Os fogos do Ano-Novo já fracassam no artifício. Estamos nus. E nossa imagem é horrenda. Ela suja de sangue o pequeno corpo de Vitor por quem tão poucos choraram. Dizem que 2015 é o ano que não acaba. Ou que 2013 é que não chega ao fim. Para os indígenas é muito mais brutal: o ano de 1500 ainda não terminou. (Ibid.)

O novo percurso narrativo de Brum na web parece oferecer, assim, o conteúdo do qual comenta Edo (2003, p. 63): em face da cultura digital, talvez “sea más necesaria que nunca la interpretación, ya que la audiencia recibe un exceso de información, difícilmente asimilable, que reclama un análisis más reposado y completo”. Nesta linha de produção complexa e compreensiva, manifesta sob o olhar ao que desacontece, acredita-se, reside uma das possibilidades de revigoração para a prática jornalística atual.

Considerações finais

O trajeto de investigação desenvolvido neste artigo buscou contemplar as demandas reflexivas da nova dinâmica profissional de Eliane Brum, de modo a lançar hipóteses e inferências para fundamentar uma compreensão em torno de sua prática como colunista no ambiente digital – especificamente, para a edição digital do *El País* Brasil. Tal qual evidenciado nas entrevistas e apontamentos interpretativos expostos anteriormente, suas produções manifestam diversas nuances narrativas, caracterizando-se como um espaço

de interface de múltiplas abordagens e de um entrecruzamento de questões e fatos da contemporaneidade. Permanecem sendo marcadas, no entanto, pelo interesse jornalístico de Brum de divergir da cobertura midiática convencional – desde a escolha da pauta, aos procedimentos de apuração, entrevista e redação.

Neste sentido, ainda que seus textos se apresentem sob o tom argumentativo do gênero de opinião, sua mirada jornalística continua a expressar os traços característicos dos desacontecimentos, isto é, a beber da mesma fonte que consagrou a primeira fase de sua carreira: a reportagem. Desta forma, mesmo na cobertura de momentos políticos ou culturais, é possível identificar o movimento de despojamento definidor de sua prática – o esvaziamento de si para ser tomada pelos significados de protagonistas ou fatos sociais –, articulado à mobilização dos sentidos e ao diálogo aberto e inclusivo com o outro. Há que se ressaltar, todavia, a presença de novos contornos a revestir a escrita dos desacontecimentos: o universo epistemológico complexo-compreensivo.

Tal qual procuramos dar mostra na análise interpretativa, esta visada reflexiva empreendida por Künsch e Medina, no jornalismo, e por Morin e outros estudiosos no saber científico, intenta propor caminhos e alternativas ao cenário atual, sendo possível, assim, observar um diálogo entre o pensamento complexo e o gesto compreensivo e a nova dinâmica produtiva de Brum. Acredita-se, por isso, que a articulação entre a matriz, digamos, original dos desacontecimentos e esse novo escopo complexo-compreensivo enriquece teoricamente a investigação acerca do jornalismo de Brum, além de auxiliar na compreensão da configuração narrativa de seus registros como colunista.

O entrelaçamento desses dois arcaçãos sob uma mesma chave propositiva também pode ser uma das vias para compreender o reconhecimento nacional e internacional do trabalho jornalístico de Eliane Brum e o seu alcance ou a visibilidade de seus textos, juntos, aos leitores da edição brasileira do *El País*. Diante da diversidade de formatos e assuntos explorados por Brum na escrita de suas colunas, em contraponto à própria padronização de conteúdos e coberturas dos grandes meios, a visada complexa e insubordinada dos desacontecimentos pode despontar como um fator favorável ao interesse do público por narrativas sob o estilo de Eliane Brum.

Referências

- BRUM, E. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.
- _____. 1500, o ano que não terminou. *El País*, São Paulo, 4 jan. 2016a. Disponível em: <<https://bit.ly/2wN0vXX>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

- _____. Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus. *El País*, São Paulo, 14 mar. 2016b. Disponível em: <<https://bit.ly/1S0gGBJ>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CALDAS, E. “Foi uma decisão difícil, mas necessária”, diz Eliane Brum sobre fim de coluna na “Época”. *Portal Imprensa*, São Paulo, 24 set. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2IsnkWk>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- EDO, C. *Periodismo informativo e interpretativo: el impacto de internet en la noticia, las fuentes y los géneros*. Sevilla: Comunicación Social, 2003.
- ESPINOSA, P. Opinião en la era digital: lenguaje, géneros y estilo. In: FLORES VIVAR, J. (Ed.). *Reinventar el periodismo y los medios: apuntes sobre el estado del arte en la construcción del ciberperiodismo*. Madrid: Fragua, 2010. p. 101-114.
- KÜNSCH, D. *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.
- _____. Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. *Communicare*, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, p. 43-54, 2005.
- _____. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 41-50, dez. 2009.
- _____. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, D. A.; MARTINO, L. M. S. (Orgs.). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Plêiade, 2010. p. 13-47.
- MEDINA, C. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2008.
- _____. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus, 2014.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.
- _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RESTREPO, L. *O direito à ternura*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2008.
- VENTURA, M.; ABIB, T. A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 10, n. 3, p. 135-150, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2IxqoMZ>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- _____. Sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo: articulações para ampliação do horizonte de compreensão do Outro. *Revista Razón y Palabra*, Quito, v. 20, n. 93, p. 333-345, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2rLYpBQ>>. Acesso em: 27 nov. 2017.